

Influências do trabalho na saúde mental docente da escola pública do Rio de Janeiro
The influences of teachers' work in Rio de Janeiro's municipal schools on their mental health

Influencias del trabajo sobre la salud mental de los docentes en las escuelas públicas de Río de Janeiro

Recebido: 01/04/2020 | Revisado: 04/04/2020 | Aceito: 07/04/2020 | Publicado: 12/04/2020

Vanessa Ramos Lourenço

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2249-8164>

Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: lalexca36@gmail.com

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4488-4912>

Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: geilsavalente@gmail.com

Larissa Vieira Correa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3593-0131>

Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: larissavieirac98@gmail.com

Resumo

O estudo buscou identificar quais as influências do trabalho docente na saúde mental do professor. Trata-se de um estudo descritivo exploratório desenvolvido em duas escolas municipais de ensino fundamental, em um município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Foi realizada entrevista semiestruturada, com um roteiro previamente elaborado, e uma questão norteadora. A análise dos dados foi obtida com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), com divisão das respostas em categorias. Participaram do estudo 10 professoras. Os resultados demonstraram que o trabalho docente e o cotidiano escolar, apresentam características que podem afetar diretamente o bem-estar dos docentes e influenciar a sua saúde mental como: estresse, cansaço, fadiga, angústia e desespero. Ficou evidenciado, ainda, que a falta da participação familiar no desenvolvimento humano e escolar dos alunos, influencia diretamente a dinâmica dentro da escola. Constatou-se que o

aprofundamento das pesquisas sobre este tema é importante, pois esse fenômeno atual pode afetar o bem-estar docente e a sua saúde mental, gerando casos de absenteísmos e afastamentos do trabalho.

Palavras-chave: Saúde mental; Saúde do trabalhador; Docente.

Abstract

This research sought to understand how teaching is related to the teacher's mental health. This is an exploratory descriptive study developed in two municipal elementary schools, in a county of Rio de Janeiro's metropolitan region. A semi-structured interview was carried out, with a previously prepared script and a guiding question. Data analysis was obtained based on Bardin's content analysis (2011), with the responses being divided into categories. Ten teachers took part in this study. The results showed that teaching and school routine have characteristics that can directly affect teachers' well-being and influence their mental health, triggering psychic suffering as: stress, tiredness, fatigue, anguish and despair. It was also evidenced that the interferences of a lack of family participation in the student's human and academic development have a direct influence on dynamics within the school. It was found that it is important to reflect on this subject, because this current phenomenon can affect the teacher's well-being and its mental health, generating cases of absenteeism and leave from work.

Keywords: Mental health; Worker's health; Teacher.

Resumen

El estudio buscó identificar las influencias del trabajo docente en la salud mental del maestro. Este es un estudio exploratorio descriptivo desarrollado en dos escuelas primarias municipales, en un municipio de la región metropolitana de Río de Janeiro. Se realizó una entrevista semiestructurada, con un guión previamente preparado y una pregunta orientadora. El análisis de los datos se obtuvo a partir del análisis de contenido de Bardin (2011), con la división de las respuestas en categorías. 10 profesores participaron en el estudio. Los resultados mostraron que el trabajo docente y la rutina escolar presentan características que pueden afectar directamente el bienestar de los maestros e influir en su salud mental, tales como: estrés, cansancio, fatiga, angustia y desesperación. También se evidenció que la falta de participación familiar en el desarrollo humano y escolar de los estudiantes influye

directamente en la dinámica dentro de la escuela. Se descubrió que la investigación adicional sobre este tema es importante, ya que este fenómeno actual puede afectar el bienestar de los docentes y su salud mental, generando casos de absentismo y ausencia del trabajo.

Palabras clave: Salud mental; Salud del trabajador; Maestro.

1. Introdução

A doença mental é um fenômeno crescente em todo o mundo. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2017) mais de 300 milhões de pessoas vivem com algum transtorno mental, um aumento de 18% entre 2005 e 2015.

Dados publicados pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2016), no Anuário do Sistema Público de Emprego e Renda, indicam que casos de afastamento por doença no trabalho no Brasil cresceram cerca de 25% entre 2005 e 2015, onde 2,3% dos casos foi por adoecimento mental.

Inúmeros fatores podem colocar em risco a saúde mental como: condições de trabalho estressantes, exclusão social, estilo de vida não saudável, violência e violação dos direitos humanos (Melo, et al., 2018).

As situações de conflito do indivíduo com as suas experiências laborativas, como estímulo à competição, cobrança de prazos rigorosos, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho, também podem levar ao risco de sofrimento psíquico (Dejours, 2018). Neste sentido, docentes sofrem diversas exigências que podem interferir em seu processo de trabalho, graças aos impactos da rotina escolar que afetam diretamente sua saúde mental. O objetivo desta pesquisa foi identificar quais as influências do trabalho docente na saúde mental do professor.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, do tipo Estudo de caso. De acordo com Yin (2015) os estudos de caso procuram descrever e analisar de modo mais aprofundado e exaustivo o possível. Um estudo de caso é uma descrição e análise o mais detalhada possível de algum caso que apresente alguma particularidade que o torna especial. No caso deste estudo, o interesse surgiu devido ao significativo percentual de afastamentos do trabalho por motivo de doenças psicossomáticas, como depressão, estresse físico e mental,

desgastes, que vem sendo acompanhados por profissionais da saúde mental no município pesquisado.

Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas. Neste tipo de pesquisa algumas características, conforme Ludke & Andre (2013), são: 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento; 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos; 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto; 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e, 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo.

Realizou-se um estudo descritivo e exploratório, desenvolvido em duas escolas municipais de ensino fundamental em um município da região metropolitana do Rio de Janeiro. As escolas ficam localizadas no Município de Niterói, distribuídas nas Regiões Administrativas: Oceânica e Leste. As escolas, na época da pesquisa, atendiam 566 alunos e tinham cerca de 26 docentes regentes do 1º ao 5º ano de escolaridade. Fizeram parte do estudo 10 professoras. Foram adotados como critérios de inclusão os seguintes itens: a) docentes do 1º ao 5º ano de escolaridade do ensino fundamental; b) efetivo cargo de regência de turma e; c) assinarem o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o termo de cessão de direitos sobre uso de depoimentos orais.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada uma entrevista semiestruturada no segundo semestre de 2019, com um roteiro previamente elaborado e uma pergunta norteadora, com base na visão docente em relação às situações vivenciadas por eles no cotidiano escolar, e os possíveis prejuízos à sua saúde mental. “A entrevista é uma técnica que utiliza perguntas ao entrevistado como forma de aquisição de informações específicas. Na entrevista se faz a coleta de dados, diagnóstico e orientação”. (Pereira, et al., 2018, p.42).

Inicialmente, o contato foi realizado com a direção das unidades escolares solicitando permissão para a realização da pesquisa. Posteriormente, foram convidados todos os professores regentes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, que participavam do horário de planejamento coletivo semanal da sua unidade escolar. “As reuniões semanais de avaliação e planejamento devem ser de caráter informativo, organizacional, reflexivo e avaliativo, com foco na elaboração, implementação e acompanhamento do Projeto Político, do Plano de Ação anual e do Plano de Trabalho do Ciclo, bem como na formação continuada dos profissionais da Unidade de Educação [...]” (Niterói, 2011, p.7)

As entrevistas foram realizadas individualmente, aplicadas pelas pesquisadoras, uma única vez em sala-de-aula disponível, com a presença apenas do participante e das pesquisadoras. As entrevistas foram gravadas em dispositivo digital, após a assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido, bem como do Termo de Cessão de direitos sobre uso de depoimentos orais, e posteriormente transcritas na íntegra, respeitando a linguagem própria e suas opiniões.

A análise dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), em três etapas: a) A pré-análise; b) Exploração dos dados; c) Tratamento dos resultados. Posteriormente criou-se 4 categorias de Análise: A organização do trabalho docente e o ritmo da escola; Vivências de sofrimento e prazer do trabalhador docente; Limitação da prática frente ao abandono da família e a história do aluno; A jornada de trabalho da mulher professora.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, de acordo com o Parecer Consubstanciado n. 3.941.998.

3. Resultados e Discussão

Conforme o tratamento dos dados parciais da pesquisa realizou-se as seguintes etapas:

- 1) Leitura das 10 entrevistas até se obter familiaridade com os pensamentos;
- 2) Definição das Unidades de Registro (UR), através da transcrição de todas as respostas dos participantes nas entrevistas, relacionadas à pergunta desencadeadora. Dessa maneira, obteve-se 334 UR. As UR foram quantificadas por semelhança e aproximação das expressões significativas (palavras, verbos e expressões que se aproximam por significado), e reunidas em 7 grupos.

- 3) Definição dos temas das UR, ou seja, a construção das Unidades de Significação (US) e nova quantificação. Atribuiu-se letras do alfabeto, de A até D às USs somando um total de 4 (quatro). As USs foram contabilizadas e registradas por letras maiúsculas, em ordem alfabética, que depois foram traduzidos em porcentagem, através de regra de três simples.

A intenção da aplicação das entrevistas era responder um dos objetivos da pesquisa, ou seja, analisar a relação da prática docente com a saúde mental dos professores do ensino fundamental dos anos iniciais da rede municipal.

4) Assim sendo, tomou-se como referência a quantidade de ocorrências de cada uma das UR, totalizando 334 (trezentos e trinta e quatro), correspondendo a 100% da amostra, para delas construir as 4 (quatro) US e daí as categorias.

Baseadas na ocorrência e compreensão das USs, dividiu-se em Primeira categoria: A organização do trabalho docente e o ritmo da escola (65%); Segunda categoria: Vivências de sofrimento e prazer do trabalhador docente (21%); Terceira categoria: Limitação da prática docente frente ao abandono da família e a história do aluno (13%); Quarta Categoria: A jornada de trabalho da mulher professora (1%).

A apresentação da análise dos dados das entrevistas propõe responder o objetivo da pesquisa: identificar quais as influências do trabalho docente na saúde mental do professor. A partir das USs, construíram-se quatro categorias, a serem discutidas à luz da teoria da Psicodinâmica do Trabalho, do percurso histórico da profissionalização docente e estudos sobre a identidade de gênero da mulher professora.

Segundo a teoria da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 2011), a relação do trabalhador com a organização do trabalho pode ser fonte de sofrimento e prazer. Desta forma, a pesquisa buscou investigar a relação entre a docência e a saúde mental docente, ou seja, de que maneira a prática na escola impacta a constituição do docente e seus processos de subjetivação, com foco nas vivências de prazer e sofrimento na relação com as situações do trabalho. Sendo assim, os dados coletados nas entrevistas foram discutidos a partir das categorias de análise, com base no conceito de sofrimento e prazer no trabalho, na relação do docente do ensino fundamental das séries iniciais com a sua prática na escola pública.

Primeira categoria: A organização do trabalho docente e o ritmo da escola

Ao longo da história da formação docente sempre se procurou estabelecer uma “lista” com as habilidades do professor ideal, onde seria possível ditar um conjunto de características que definem a totalidade esperada do perfil docente. Entretanto, todas elas são precárias e longe de aproximar-se da multiplicidade da função docente (Nóvoa, 2017).

O ato de trabalhar requer o envolvimento do trabalhador e as suas contribuições para dar conta das prescrições estabelecidas, ao mesmo tempo que gerencia os imprevistos do dia-a-dia. (Dejours, 2018)

Segundo Nóvoa (2017, p.18) o trabalho docente é múltiplo, construído no cotidiano da prática escolar, nas suas experiências, nos atravessamentos que surgem na relação com o coletivo. Diariamente o professor é surpreendido por situações de incerteza, pois mesmo

capacitado tecnicamente, não se sabe tudo, mas precisa decidir e agir. Sobre os imprevistos cotidianos destacamos a fala de EAC:

[...]crianças cada vez mais com transtornos psicológicos, devido a questões que eles vivem, ou então já nasceram com esses transtornos[...]eu trabalhava numa escola que eu tinha todos os problemas que você imagina... na hora do recreio parecia que eu “tava” no inferno..

Frente à organização do trabalho, existem situações que foram prescritas e outras não prescritas, que surgem na imprevisibilidade do cotidiano (Dejours, 2018). O trabalho prescrito é aquilo esperado do trabalhador, são regras, normas, manuais, protocolos, procedimentos. Já o trabalho real são os acontecimentos inesperados, que ultrapassam o domínio técnico prescrito, o que “atravessa” o sujeito e o coloca em “cheque”. Para Dejours (2018), o trabalho é humano, pois só o humano é capaz de lidar com o imprevisível. Conforme o participante JA: “[...]o aluno é agressivo e você lida com aquilo, e também a agressividade dos pais[...]”

Ser professor é ter “[...] capacidade de julgar e de decidir no dia- a- dia profissional. Ser professor não é apenas lidar com o conhecimento, é lidar com o conhecimento em situações de relação humana.” (Nóvoa, 2017, p.22). Neste sentido, os dados coletados apontaram para uma prática docente cortada pela instabilidade e o constante gerenciamento das adversidades, onde as situações de trabalho e os excessos das atribuições no cotidiano na escola impõem uma reinvenção diária que contemple o fazer técnico e o cuidado humano nas relações que transbordam o fazer profissional.

Segunda categoria: Vivências de sofrimento e prazer do trabalhador docente

Segundo Mendes (2007), o sofrimento faz parte da condição humana, é algo inevitável em todas as esferas da vida do sujeito. Neste sentido, buscou-se com base na Psicodinâmica do Trabalho (PDT) conhecer as formas como o docente lida com as vivências de sofrimento e prazer no seu cotidiano, quais os recursos utilizados para lidar com as situações de trabalho, e o que acontece no seu quadro mental para que ele permaneça no trabalho ou futuramente adoeça (Dejours, 2011). Saúde não é a ausência de sofrimento, mas uma constante mobilização do sujeito para a criação de estratégias criativas e de construção de sentido, frente às adversidades cotidianas (Dejours, 2018). Destacamos a fala de LF: “Porque tem dias que é

maravilhoso, tem dia que realmente a carga é bem pesada, então você tem que saber administrar tudo isso.”

Portanto, quando o sofrimento é ressignificado através da mobilização subjetiva, o trabalhador tem condições de desenvolver alternativas para manter-se em equilíbrio psíquico e transformar, desenvolvendo o prazer no trabalho (Mendes, 2007; Dejours, 2018). Como podemos observar na fala de MM: “A gente precisa se cuidar, a gente precisa pensar e pensar para além disso.”

Os trabalhadores que não adoecem são vistos como “normais”, porém essa normalidade implica no desenvolvimento de estratégias para lidar com o sofrimento, não significa a ausência dele, mas a luta contra as adversidades e o sofrimento no trabalho para continuar trabalhando (Dejours, 2018). Destaca-se a fala de LF: “[...]eu acho que o segredo é você saber até onde você pode ir emocionalmente se envolver com o aluno e com os problemas dele [...]”.

Os acontecimentos inesperados que ocorrem no trabalho não prescrito, chamado de trabalho real, atravessam o sujeito e desencadeiam sentimentos de fracasso, sentimento de impotência, medo, angústia, desgaste (Dejours, 2018). De acordo com a fala do participante JA: “[...] o professor que não é capaz, é ele que não consegue, ele que está errado, isso me faz mal. ”

As diversas situações do trabalho docente impõem ao sujeito a necessidade do desenvolvimento de defesas psíquicas, estratégias de defesa na luta constante entre as adversidades do cotidiano e a luta contra o sofrimento psíquico (Dejours, 2018).

Diante desta instabilidade constante quando o sujeito não tem espaço dentro da organização de trabalho para conseguir reelaborar o sofrimento através das estratégias de mobilização (criar, inventar, pensar soluções), o sofrimento torna-se patogênico, o que pode conduzir ao longo do tempo ao adoecimento (Dejours, 2011). Neste sentido, destacamos LF: “[...] não deveria ser assim tóxico, deveria ser um trabalho prazeroso, nós estamos ensinando e aprendendo com eles.”

Este sofrimento advindo do trabalho real deve ser gerenciado de maneira mais funcional e saudável, transformando-se em sofrimento criativo, levando ao prazer no trabalho (Mendes, 2007). Para Nóvoa (2017, p.24) o ambiente escolar é “O espaço comum é um espaço de expressão das diferenças [...] um espaço de deliberação conjunta.” Entretanto, o sofrimento patogênico, impede o trabalhador do exercício da sua capacidade criativa no trabalho para lidar com as situações adversas do cotidiano (Dejours, 2011). Neste sentido, enfatiza MM: “[...] O que eu tô fazendo ali?” [...] nós somos um para lidar com vinte e sete

individualidades, vinte e sete diferenças. A partir daí, isso daí já causa uma dificuldade, e o que você faz?”.

No processo de sofrimento patogênico o sujeito desenvolve tentativas de reorganizar o seu fazer e reelaborar o mal-estar no trabalho. Quando o docente continua trabalhando mesmo frente aos problemas enfrentados na escola, chamamos de “normalidade sofrente”. (Melo, et al., 2018). Realçamos a fala do participante JA: “[...] você está tentando; está faltando pouco plantar bananeira; não está conseguindo e que a culpa não é sua; mas acham que a professora é culpada; isso me afeta muito; isso me adoce.”

A experiência do sofrimento criativo, e conseqüentemente levando ao prazer no trabalho (Dejours, 2018), só acontece como possibilidade de enfrentamento das pressões do cotidiano do trabalho, quando há espaço para criação de novos modos de trabalhar, do engajamento do coletivo onde “[...] marcar a dimensão colectiva do professorado e trabalhar no sentido de compreender que há um conhecimento é uma responsabilidade que não se esgotam num entendimento individualizado do trabalho docente” (Nóvoa, 2017, p.25).

Identificou-se nas falas dos participantes situações que atravessam a prática pedagógica como: agressividade dos alunos, desvalorização da figura docente, assédio moral, violência doméstica, e outras questões que se apresentam para além da função da escola. Sendo assim, para gerenciar essa forma de organização do trabalho, que não deixa espaço para mobilização e autonomia do trabalhador, o sujeito acaba desenvolvendo estratégias defensivas para continuar trabalhando (Melo, et al., 2018). A respeito das estratégias defensivas registra-se a fala de MM: “ Não é muito fácil de você manter-se serena naquilo, ou você pira, ou você vai lidando.”

As estratégias defensivas ao longo do tempo podem levar ao adoecimento e produzir falta de sensibilização ao seu próprio sofrimento e/ou colegas de trabalho (Dejours, 2018). Neste sentido segue a fala de JA: “[...] é uma classe no magistério tão desigual, que luta contra a desigualdade, mas é desigual porque não é solidária.”.

Como salientamos anteriormente, quando a organização do trabalho é inflexível, não abre espaço para mobilização e autonomia do trabalhador, o sujeito desenvolve estratégias defensivas, para continuar trabalhando frente às adversidades do trabalho (Mendes, 2007). Essas estratégias fazem o sujeito negar o sofrimento e conseqüentemente não lidar com ele (negação, alienação, racionalização, etc.) (Dejours, 2018). Sobre a falta de espaços para discussão, nota-se a fala de MM: “ Eu acho que a gente tem uma prática um pouco solitária, a gente aqui na escola.”

Quando as situações de mal-estar começam a ficar muito intensas, ou seja, quando as situações geradoras de sofrimento agravam-se, podem abrir espaço para patologias (Dejours, 2018). Neste sentido, evidencia KF:

[...] nem eu estou sabendo lidar e não estou sabendo responder o porquê que eu estou assim. Eu só estou sentindo assim, muita... essas coisas eu estou percebendo mas não estou conseguindo falar, sabe?...a prática está muito difícil, está impossível... Eu por exemplo, estou até mancando, porque eu estou tendo situações psicossomáticas. Estou tendo tendinite, então meu corpo está padecendo.

Por não encontrar espaços de diálogo e abertura para a autonomia e criatividade, as estratégias defensivas acabam protegendo o sujeito, porém insensibilizam para aquilo que o faz sofrer, a fonte de mal-estar permanece e com o tempo elas param de funcionar e o adoecimento pode surgir (Dejours, 2018).

Observou-se nas falas que diante do que é proposto pela organização do trabalho docente e o fazer nas condições concretas da escola existe uma defasagem, onde é preciso realizar rearranjos diários frente às condições reais que apresentam-se no cotidiano escolar. Os resultados da pesquisa revelam que pela falta de espaços de discussão dentro da escola e de redes de apoio profissional, os rearranjos solitários são insuficientes, conduzindo o docente à repetição, ao medo, à frustração, ao sentimento de impotência, levando ao sofrimento psíquico e processos de adoecimento futuros.

Terceira categoria: Limitação da prática frente ao abandono da família e a história do aluno

Conforme Nóvoa (2017, p.18), ser docente é uma profissão do humano, onde deve-se ter uma afinidade e disposição pessoal para a função. Para ele é necessário uma relação próxima entre o pessoal e o profissional, entre aquilo que somos e aquilo que ensinamos.

O histórico familiar e a pouca participação da família no acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, pode desencadear nos docentes sentimentos de limitação profissional, frustração e sofrimento psíquico (Souza, 2014).

Uma das características do trabalho docente é o vínculo afetivo que se estabelece entre professor e aluno. O docente em sua formação profissional deve permitir vínculos e constante interações “[...]a formação deve permitir a cada um construir a sua posição como profissional, *aprender a sentir como professor.*” (Nóvoa, 2017, p.18)

Quanto a carga afetiva que atravessa a profissão docente, despontou a seguinte passagem na fala de JA: “eu estou aqui para ensinar, então eu vou ensinar com o maior prazer.”

Entretanto, os vínculos afetivos podem revelar-se como fonte prejudicial para o docente, quando este percebe situações de violência e abandono vivenciadas pelos alunos no seu contexto familiar. Sobre a história do aluno, destacou-se a fala de LF: “Mas nós estamos sendo vítimas do que eles estão vivendo em casa e trazem para sala de aula, e como se portar frente a isso”.

O cotidiano das escolas necessita de estratégias que carecem de uma formação humana para as demandas do outro. Por tratar-se de um trabalho que envolve relações humanas, o docente envolve toda a sua totalidade afetiva na relação professor-aluno (Nóvoa, 2017). A fala de RB relata: “Porque a gente acaba tendo que dar conta de muita coisa sozinhos, e a família[...] a gente tem a impressão que a família acha que é tudo responsabilidade nossa”.

Os participantes deste estudo são docentes da escola pública do município de Niterói/RJ, que trabalham com uma clientela, em geral, de baixa renda e em risco social. Neste sentido, diversas situações que apontam para a falta de participação familiar na formação humana e escolar dos alunos, surgiram como aspectos que incidem sobre a dinâmica escolar e a formação dos sujeitos. Como enaltece a passagem de HL: “Os pais não dão limites aos filhos, isso reflete dentro de sala de aula. Respondem o professor, não tem respeito ao professor.”

Na fala dos participantes do estudo revelou-se: violência doméstica, abandono, separação dos pais, dificuldades financeiras e falta de comprometimento dos responsáveis. Observou-se passagens como de LF: “[...] a gente não sabe o que aquela criança está passando, muitas vezes eu como professora, eu fico assim: ‘o que será que está passando dentro do coraçãozinho dele também?’”.

Estas situações de negligência e falta de apoio familiar interferem diretamente na auto-realização do profissional docente, gerando sentimentos de angústia, insatisfação e sobrecarga emocional destes trabalhadores (Melo, et al., 2018). Sobre a falta de participação da família, demonstrou-se na fala de KF: “Você tem que fazer o papel da mãe daquela criança.”

É dever da família “proporcionar aos filhos e/ou criança ou adolescente sob sua responsabilidade condições para o seu desenvolvimento educacional” (Niterói, 2015). Todavia, com base nos dados coletados constatou-se que a falta de envolvimento da família na vida escolar dos alunos e as diversas relações de violência e abandono que estes vivem dentro do contexto familiar, influenciam diretamente na saúde mental docente e no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pela reprodução das situações de violência dentro da

escola, pela falta de apoio dos responsáveis no desenvolvimento dos alunos e por deixar marcas na formação humana destes sujeitos.

Quarta Categoria: A jornada de trabalho da mulher professora

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, historicamente a profissão docente dos anos iniciais foi construída com base em uma visão associada ao cuidado materno, à docilidade, resignação e submissão da mulher (Ataíde & Nunes, 2016).

A função docente no Brasil requer um olhar histórico, social e cultural que auxilie na compreensão de ser mulher e professora, pois ao longo do tempo esse trabalho foi visto como um “dom” delegado às mulheres, como produto de uma sociedade patriarcal que designa papéis culturalmente construídos a homens e mulheres nas sociedades em que vivem (Jesus & Barbosa, 2016). Sobre a prática docente destaca LF: “Então a prática em sala de aula não é fácil, mas é algo que eu gosto, sabe? Eu vou te falar que eu estou mesmo por amor, porque a gente não ganha muito. Então é o dom, é por amor, a gente tenta ao máximo ajudar.”

A distribuição dos papéis sociais por gênero, reduziram por muito tempo o território das mulheres ao lar e às atividades domésticas. Segundo Jesus & Barbosa (2016), desde pequenos, homens e mulheres são formados socialmente para desempenhar funções específicas aos sexos.

Frente às mudanças na formação das famílias nos últimos anos e com a entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho formal, as mulheres acabaram na maioria das vezes com as responsabilidades de múltiplas tarefas, onde a mulher passou a participar efetivamente do sustento da família, além do cuidado com os filhos e com o lar. Segundo Jesus & Barbosa (2016, p.4) as mulheres sempre trabalharam dentro e fora de casa, porém desvalorizadas socialmente, não reconhecida a sua importância na sociedade “[...]a dupla jornada de trabalho que persiste até os dias atuais”. Destacando-se a passagem de HL: “Por termos baixos salários a gente tem que trabalhar em dois turnos, às vezes até três, depois a gente tem tripla jornada, né?”

Neste sentido, enfatiza-se que a formação humana e escolar da mulher por muito tempo teve como foco o cuidado com o lar, com o marido e com os filhos. A atividade profissional da professora era vista como secundária e complementar à renda da família “[...]serviria para acrescentar na formação da futura mãe e rainha do lar, levando sempre a questão das características de delicadeza feminina” (Jesus & Barbosa, 2016, p.5). Os múltiplos papéis femininos foram evidenciados na fala de HL: “A mulher faz tripla jornada,

acaba trabalhando o dia inteiro e chega em casa, ainda tem que dar conta da casa, de filho de tudo [...]"

A participação hegemônica das docentes mulheres nos anos iniciais do ensino fundamental neste estudo, corrobora com a noção de feminização da carreira do magistério, e consequentemente com a desvalorização histórica do trabalho das mulheres, seja pelos baixos salários ou ainda pela baixa visibilidade da profissão, levando a sobrecarga de trabalho. Destacando-se na fala de LF: “E tem professora que dobra, tem professora que tem várias turmas, e como lidar com tudo isso, com essa carga toda?”.

A entrada da mulher no mundo do trabalho formal não diminuiu suas atividades, ao contrário, colocou-se como uma nova jornada de trabalho somando-se às atividades domésticas, e por isso, ainda hoje há pouco espaço para o estudo, para a pesquisa e para o investimento no aperfeiçoamento profissional (Jesus & Barbosa, 2016).

Evidenciou-se nas falas das docentes que mesmo trabalhando fora de casa e participando efetivamente da renda familiar, a mulher professora tem múltiplas tarefas, pois além das atividades laborais na escola, ela desempenha atividades domésticas, e muitas vezes de cuidados com os filhos. Os dados coletados demonstraram a necessidade de homens e mulheres compartilharem as responsabilidades com as tarefas domésticas e o cuidado parental, a fim de promover uma sociedade mais justa e saudável.

4. Considerações Finais

As questões elucidadas neste estudo possibilitaram uma base introdutória para reflexão sobre a docência e suas influências na saúde mental docente, a respeito das situações cotidianas que contribuem para seu sofrimento psíquico, a partir da visão de um grupo de professores de uma escola pública municipal da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Observou-se que as principais questões encontradas referem-se à organização do trabalho docente e as características da rotina profissional, como a sobrecarga de trabalho e os desgastes do ambiente escolar. Esses fatores geram cansaço, sofrimento e fragilidades que acabam afetando a sua saúde mental, o que pode causar o aumento dos casos de absenteísmos e afastamentos do trabalho.

As vivências familiares e a falta de participação dos responsáveis na formação escolar e na educação integral dos alunos refletem-se na dinâmica dentro da escola e no

desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, contribuindo para a frustração do trabalho docente.

Verificou-se também que a desvalorização profissional, a falta de apoio e as cobranças excessivas contribuem para falta de auto-realização em relação à carreira docente, interferindo na sua prática cotidiana e na sua saúde mental.

Estratégias de prevenção e promoção da saúde mental docente são pertinentes, pois contribuem para a diminuição dos desvios de função, as licenças médicas e absenteísmos, preservando a qualidade do desempenho no trabalho. As propostas devem visar a melhoria das condições de saúde e bem-estar dos docentes, incluindo intervenções que promovam espaços de discussão coletiva e criação de estratégias que ajudem a encontrar o prazer no local de trabalho e valorização profissional, além de tentar reduzir apenas os fatores que causam o sofrimento patológico. Assim, tendo em vista a pesquisa realizada, recomenda-se a ampliação de estudos desta natureza, no sentido de elaborar e implementar intervenções junto aos professores, que venham a contribuir para a promoção da saúde mental destes.

Referências

Ataide, P. C & Nunes, I. M. L. (2016). Feminização da profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*. 9(1):167-188. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v9n1p167-188>

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: edições, 70.

Dejours, C. (2018). *A loucura do trabalho*. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez-Oboré.

Dejours, C. (2011). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. (2016). DIEESE. *Anuário da Saúde do Trabalhador*. São Paulo.

Jesus, C. S. B & Barbosa, R. J. S. (2016). Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo do trabalho.

Revista Ártemis, XXI: 131-146. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/28227>

Ludke, M. & Andre; M. E.D.A. (2013). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U.

Melo, L. F., et al. (2018) Fatores que Afetam a Saúde Docente: Estudo Introdutório em uma Escola de Educação Básica de São Paulo. *Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 19(4): 438-443. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2018v19n4p438-443>

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Niterói (2019). Deliberação CME nº 031 de 22 de dezembro de 2015. *Aprova a Carta Regimento das Unidades Públicas Municipais de Educação de Niterói*. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/193909/Deliberacao_CME_n_031_2015_Aprova_a_Carta_Regimento_das_Unidades_Publicas_de_Educacao.pdf. Acesso em: 10 de Out. de 2019.

Niterói (2019). Portaria Fundação Municipal de Educação. Portaria 087 de 12 de fevereiro de 2011. *Dispõe sobre a organização da Rede Municipal de Educação de Niterói*. Disponível em: <http://www.educacaoniteroi.com.br/wp-content/uploads/2016/04/PORTARIA-FME-087-2011.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2019.

Nóvoa, A. (2017). Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, [online] 47(166):1106-1133. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053144843>

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (2019). *Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “Vamos conversar”*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839.

Pereira, A.S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 Abril 2020.

Souza, V. S. S. (2014). Estresse Ocupacional e trabalho docente. III Congresso internacional de ciência, tecnologia e desenvolvimento, no período de 20 a 22 de outubro, na UNITAU, São Paulo. Disponível em:
http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPH1487_1427392935.pdf

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Vanessa Ramos Lourenço - 34%

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente - 34%

Larissa Vieira Correa - 32%